

O plano estratégico de Barcelona educadora

ANA MARIA WILHEIM*

Das cinzas da ditadura para uma cidade do conhecimento

Em 2004, passei seis meses em Barcelona, onde fui estudar Gestão de Cidades, suas políticas e programas. Barcelona é uma cidade que renasceu das cinzas de uma ditadura pesada de 40 anos, com muita morte e muita opressão. Opressão política, de identidade cultural, opressão da língua...

Na década de 1980, quando a democracia se instalou, as lideranças socialistas que assumiram a gestão da cidade começaram a reintegrá-la e a recompor o sentido da cidadania. Aporta-se, para as discussões de governo, toda a experiência de trabalho de base nos bairros e associações de moradores, que foram espaços de resistência e onde havia muito conhecimento acumulado sobre a realidade local, com forte posicionamento ideológico e desejo de reconstrução.

A base de uma Cidade Educadora nasceu, desde então, com muita participação popular, das associações de moradores, que se organizam, pautam seus problemas, se capacitam e negociam com a administração pública. Hoje, se comparamos com a nossa realidade, podemos dizer que Barcelona tem políticas públicas descentralizadas, integradas e participativas. As políticas urbanas e sociais, a educação e a cultura, integradas, dialogam com um plano estratégico que busca alcançar um objetivo urbano: ser uma cidade do conhecimento.

As bases da Cidade Educadora se apóiam na crença de que a cidade é um espaço educador. E, para que o exercício da cidadania ocorra, o indivíduo necessita de

informação e de meios para participar da construção desse espaço coletivo, para que ele seja de fato um espaço público, um espaço com memória e história, conhecida e reconhecida por seus atores. Um território com dimensões humanas, desenhado para ser ocupado por seus cidadãos. Um espaço físico com dimensões e funções que permitem ao usuário sentir-se parte dele e responsável por ele. Por isso, a intervenção urbana e as obras físicas têm que dialogar com as ações e intervenções sociais e culturais.

Um dos maiores e primeiros investimentos feitos em Barcelona, nos anos 1980, foi a criação e disseminação de uma rede de bibliotecas e centros cívicos e culturais nos bairros. O intuito era o de investir em informação e em campanhas educativas e cívicas como um meio pedagógico de se trabalhar a educação de massa para todos, o tempo todo. Para isso, as diretrizes e ações no campo da cultura e da educação caminham juntas e interagem com as políticas econômicas. Com uma boa programação cultural, uma boa comunicação de massa e tendo como base os valores humanos e de cidadania, a cidade pode receber visitantes, turistas, que aquecem a economia e projetam também a cidade no exterior.

Todos ganham com isso, pois essa articulação foi pensada e negociada num longo e vasto trabalho de planejamento estratégico, em que participaram os diversos atores sociais: políticos, organizações do terceiro setor, empresários e trabalhadores.

O plano estratégico de Barcelona e região metropolitana constituiu-se em um processo de mobilização que hoje, além de processo, é uma entidade que cuida especificamente de fazer valer e monitorar o seu desempenho. O mais interessante é que se reconhecem, nas equipes da administração pública, nas organizações comerciais e nos sindicatos de trabalhadores, a presença das diretrizes e o norteamento definido no plano estratégico.

* ANA MARIA WILHEIM é socióloga, consultora especializada em *advocacy*, mobilização e comunicação no terceiro setor. Foi superintendente e assessora da presidência da Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança e membro do Conselho Diretor do Grupo de Institutos, Fundações e Empresas (Gife).

Outro importante investimento no plano das obras físicas e urbanas foi a construção de meios e vias de acesso, ou seja, conectividade com os bairros mais isolados, como conjuntos habitacionais populares de trabalhadores, construídos nos anos duros da ditadura, isolados dos centros urbanos e dos serviços públicos, panorama este muito conhecido por nós, brasileiros e paulistanos.

Se acreditarmos que os processos de formação do indivíduo ocorrem sob a influência do seu meio, da família e da escola, devemos dar mais importância para os efeitos da comunicação e do relacionamento que a cidade estabelece com seus diversos usuários, a começar pelas crianças.

Uma cidade que se comunica de forma pedagógica

com suas crianças certamente se comunica bem com a maioria da população. O aluno que frequenta a escola está inserido numa cidade, num bairro, num determinado contexto histórico e socioeconômico que influenciam seu modo de pensar e de se relacionar com a comunidade. Valorizar esses elementos externos no processo de formação e aprendizagem das novas gerações nos parece de extrema importância.

Levar educação, cultura e esporte para as áreas distantes dos centros urbanos e fazer a conexão dessas áreas com os centros urbanos, dando à população acesso aos circuitos dos museus e aos circuitos da cultura, é parte fundamental da agenda de uma cidade educadora.

Compartilhar projetos comuns

Extrato da entrevista da Secretária Geral da Associação Internacional das Cidades Educadoras, Sra. Pilar Filgueras Bellot, de Barcelona, Espanha, concedida a Og Roberto Dória e Ana Maria Wilhelm.

Em Barcelona, o processo de transição de uma Cidade Educativa para uma Cidade Educadora começou no momento em que Barcelona era candidata às Olimpíadas. O então prefeito Pascal Maragall tinha a intenção de apresentar Barcelona como a cidade candidata e de uma forma bastante profunda e consistente.

Ele pretendia utilizar essa candidatura como uma oportunidade para que a cidade desse um passo à frente em muitos setores, de modo bastante articulado, tanto no urbanístico, quanto no social, cultural e esportivo. Maragall queria que a organização dos jogos fosse uma oportunidade para desencadear um grande processo de transformação em termos de gestão e de política urbana e também de envolvimento dos cidadãos em todo o processo. Eu acredito que realmente os jogos olímpicos foram uma amostra desta coesão da cidadania com um projeto comum.

Essa coesão se traduziu em comportamentos variados; por exemplo, a apropriação por parte dos cidadãos dos novos espaços públicos que se foram construindo na cidade. É importante dizer que houve muita preocupação

no sentido de dar dignidade aos bairros mais desfavorecidos e conectar bairros que, até então, estavam separados por vias de trens ou por fábricas. Houve uma transformação radical e isso teve como consequência uma mudança de atitude em termos gerais.

Os cidadãos se apropriavam das novas propostas de forma patente e se sentiam muito satisfeitos com a evolução da cidade. Compreendiam tanto o que estava acontecendo que foram capazes de agüentar meses de obras pesadas, porque sabiam que isso os conduziria a uma situação melhor.

O mesmo sucedeu com o esporte. Deram muita atenção à questão de formação de jovens, proporcionando esporte aos distritos e construindo ginásios esportivos, ou seja, havia uma ação sinérgica que conduzia todos em direção a um projeto global. Então, nesse marco, o prefeito também teve vontade de conectar tudo isso com a educação, visando à formação da cidadania. Portanto, as condições para a constituição da Cidade Educadora estavam dadas e eram bastante favoráveis.

Eu tinha lido coisas sobre Cidade Educativa já em uma obra editada, em 1972, pela Unesco, que se intitulava *Aprender a ser*. Apesar de o livro ser centrado na educação formal, havia o capítulo “Cidade Educativa”, que era muito sugestivo e abria realmente outro horizonte.

Sabe como é quando se tem a convicção de que as coisas tendem por esse caminho?

